

Existe na agricultura brasileira um setor que corresponde ao “*family farming*” Americano?

Carlos Enrique Guanzioli

Desde 1995, quando foi lançado o programa de fortalecimento da agricultura familiar, pouco tem se avançado em termos teóricos e práticos visando enriquecer o debate e implementar soluções criativas.

Do ponto de vista teórico a maior novidade, após o início da discussão sobre agricultura familiar, foi a introdução do conceito das rendas e/ou atividades não agrícolas.

Na esfera das políticas houve poucas alterações em relação a proposta original do programa, que resultaram basicamente na incorporação do mesmo na legislação do país (lei 11.326/2006) e inclusão da questão comercialização no programa, através dos subprogramas PAA (Programa de Abastecimento Alimentar), PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) e Programa Mais Alimentos.

A falta de aprofundamento teórico do tema da agricultura familiar deu lugar, no entanto, ao surgimento de questionamentos fortes vindos de setores acadêmicos como a FGV e mais recentemente, com o lançamento do artigo conhecido como “as sete teses” (Buainain, Alves, Silveira e Navarro, 2013), que glorifica o agronegócio e a grande propriedade como sendo a única alternativa eficiente para o desenvolvimento rural no Brasil.

No sentido contrário, surgiram outras sete teses, “as sete teses camponesas” (Jan Douwe Van der Ploeg, 2009) que apontam ao outro extremo, fazendo apologia de uma categoria que, a nosso ver, não existe mais no Brasil contemporâneo: a dos camponeses. O debate polarizou-se entre os defensores da grande propriedade e os defensores do *campesinato*, o que faz retrotrair a discussão ao nível que estava na década de 80, prévio ao rico debate surgido com o advento da categoria da agricultura familiar.

O objetivo deste artigo é tentar recolocar o debate nos eixos que estava antes da recente polarização e, para isso, dever-se-á resgatar algumas das questões que estão subjacentes ao tema e que, aparentemente, são desconhecidas tanto por um lado como pelo outro.

1- Qual é a real importância da agricultura familiar no Brasil?

Duas posições antagônicas têm sido difundidas em torno da real importância da agricultura familiar no Brasil: a) a versão oficial que exagera sua importância, e b) a versão das “sete teses” que anula totalmente sua importância em termos produtivos e sociais. Como será demonstrado a seguir, nenhuma das duas corresponde à realidade que mostram os dados do IBGE através dos Censos Agropecuários.

Muitos autores e membros de governos vem difundindo repetidamente que a agricultura familiar produz 70 % dos alimentos que o brasileiro consome. Este número é falso e precisa ser desmentido. Vejamos porquê:

A agricultura familiar produz uma parte do total produzido de diferentes tipos de alimentos, todos importantes para a dieta do brasileiro, mas cujos percentuais variam bastante conforme pode se apreciar na tabela que segue:

Tabela 1. Participação percentual do valor de produção da agricultura familiar – Brasil – 1996-2006.

Tipo de produção	1996	2006
Pecuária de corte	23,64	16,65
Pecuária de leite	52,05	60,53
Suínos	58,46	52,45
Aves	39,86	30,34
Arroz	30,87	39,19
Cana-de-Açúcar	9,55	10,24
Cebola	72,37	69,59
Feijão	67,23	76,57
Fumo	97,18	95,67
Mandioca	83,88	93,17
Milho	48,57	51,90
Soja	31,62	23,60
Trigo	46,04	36,38
Banana	57,58	62,40
Café	25,47	29,67
Laranja	26,96	25,25
Uva	47,02	53,63

Fonte: Tabela Extraída de Guanziroli, Buainain, Di Sabbato (2012).¹

Conforme pode se apreciar acima existem de fato alguns produtos nos quais a participação da agricultura familiar é bastante relevante e próxima ou até superior aos 70% anunciado pelo Governo. Os produtos que aparecem na tabela acima com percentuais altos são: leite, cebola, feijão, fumo, mandioca e banana. Mas outros produtos, que também são consumidos pelos brasileiros de forma abundante e permanente, têm baixa participação da agricultura familiar, ou seja, são produtos produzidos predominantemente pela agricultura patronal. Entram nessa lista produtos tais como: carnes (bovina e de aves), soja, trigo, laranja e cana de açúcar.

A verdadeira participação da agricultura familiar na produção de alimentos é de 36,11%.

Como afirma o artigo citado (Guanziroli, op cit), essa participação na produção total e, principalmente, a manutenção do mesmo nível de participação durante a década de 1996 a 2006, revela a importância e a força da agricultura familiar que conseguiu se manter num alto patamar na década de maior desenvolvimento do agronegócio no Brasil. Isso demonstra, portanto, que a agricultura familiar faz parte do agronegócio, já que segue a mesma tendência produtiva e em boa parte dos produtos que produz está inserida nas cadeias agroindustriais típicas do agronegócio moderno (milho, soja, arroz, leite, etc).

Os opositores a agricultura familiar ²(Alves, Rocha, 2010) são céticos quanto a sua importância e ignoram completamente sua existência. Segundo essa fonte “30 mil estabelecimentos rurais (0,62% do total) foram responsáveis pela metade do valor da produção total (Alves; Rocha, op cit) e 2,3% seriam responsáveis por magros 3,3% da

¹ A metodologia seguida pelos autores para o cálculo dos dados é a METODOLOGIA FAO/INCRA.

² Cita-se Alves e Rocha porque as sete teses repetem os argumentos desse trabalho.

renda bruta (sic). Esses agricultores estariam segundo essa fonte, se tornando “redundantes” tanto os de tamanho médio como os pequenos.

As mudanças nos valores produzidos ocasionam obviamente alterações na renda média obtida pelos estabelecimentos de cada grupo, como pode ser observado na próxima tabela.

Tabela 2 - Renda Monetária Líquida Anual por Tipo de Agricultor – Brasil – 1996-2006

Tipos de Agricultores	Renda Monetária Líquida Anual* (R\$ de 2006)	
	1996	2006
Familiars Tipo A	30.333,00	53.236,00
Familiars Tipo B	5.537,00	3.725,00
Familiars Tipo C	1.820,00	1.499,00
Familiars Tipo D	-265,14	255,00
Patronais		70.903,00

Fonte: Tabela Extraída de Guanziroli op cit.

Nota: Descontados os custos de produção, mas não descontada a depreciação.

Valores de 1996 atualizados pelo IGP-DI.

Ao se considerar que nas áreas rurais os produtores têm acesso a outras rendas não agrícolas, a quase-rendas (como o autoconsumo) e que não pagam aluguel, o valor equivale a um padrão de vida de classe média urbana. Este grupo é o mais semelhante ao “*family farm*” americano que existe na agricultura brasileira.

Este segmento composto por 400.000 agricultores aproximadamente pode ser caracterizado da seguinte forma:

Box 1: Perfil da Agricultura Familiar eficiente no Brasil

Número Total	452.700 agricultores (8,70% do total)
Participação na Produção Total Agrícola do Brasil	25,1% (69,5% de 36,11%)
Renda Monetária Líquida Anual (valores de 2006)	R\$ 53.326
Área Média por estabelecimento	48 hectares
Especialização na produção (participação superior a 65% do produto principal)	72% são especializados

Fonte: elaboração própria com base em dados recalculados de Guanziroli, op cit.

Também nos Estados Unidos existe grande heterogeneidade na composição do seu setor agrícola, existe um número equivalente a 8,2 % (soma de familiares médios e grandes) do total de agricultores que produzem em torno de 48% do total produzido na agricultura americana e que controla, por sua vez, quase 30% dos ativos, incluindo a terra.

O percentual da produção controlada pelos agricultores familiares era alto- 50%-. Os agricultores americanos com até um operador empregado controlam 45% das vendas e 52% da terra e trabalham em áreas de apenas 379 hectares em média, ou seja, são tipicamente familiares (*family farm*).

A manutenção e em alguns casos o crescimento da importância na agricultura familiar (não da pequena produção) tanto no Brasil como nos EEUU mostra que este segmento insiste em não desaparecer, a pesar dos prognósticos pessimistas dos teóricos marxistas e de alguns acadêmicos brasileiros (Alves, Rocha, op cit. Os censos agropecuários brasileiros mostram que a cada década que passa o número de agricultores familiares se mantém constante e sua participação na produção também. Este fenômeno por alguns chamado de “resiliência” será mais bem discutido na próxima sessão.

2- O que explica a heterogeneidade da agricultura e a resiliência da agricultura familiar?

Conforme visto antes a agricultura familiar não é um segmento insignificante na agricultura brasileira nem tampouco na americana. Cabe descobrir agora que fatores teriam ajudado historicamente na manutenção deste setor na economia dos países.

✓ *Não é um resquício do feudalismo, trata-se de um fenômeno do século XX.*

A existência e persistência de formas de produzir baseadas na pequena produção em quase todos os países capitalistas e os apoios dados de forma sistemática a essa forma de produzir em todos esses países capitalistas revela que sua lógica coaduna com a lógica econômica do sistema capitalista. Se fosse um setor inútil ou ineficiente, que razão lógica justificaria alocar enormes quantias de recursos nesse setor?

✓ *Baixa rentabilidade e alto risco na agricultura abrem espaço para a convivência entre formas de produção diferentes.*

Todos estes fatores (baixa taxa de lucro, baixa rotação do capital fixo, custo de manutenção de estoques, perecibilidade, riscos de clima, pragas e preços) geram pouca atratividade para que os setores capitalistas invistam na agricultura, deixando espaço, portanto para a convivência com outras formas de produzir (familiares e camponeses) que não tem custo de oportunidade tão alto como os capitalistas para investir na agricultura: para ficarem no campo basta obter uma taxa de lucro mínima que garanta a sobrevivência da família. Neste sentido, é comum dizer que o agricultor familiar maximiza renda familiar, enquanto o capitalista maximiza taxa de lucro.

Percebe-se, por tanto, que o dinamismo do agronegócio no Brasil não foi até agora suficientemente forte para ocupar todas as áreas rurais do país. Nesse processo abrem-se janelas de oportunidade e espaço para que outros agricultores, como os familiares, se desenvolvam e ganhem expressão.

✓ *Estrutura de mercado concorrencial na agricultura garante heterogeneidade.*

A existência de um mercado de concorrência quase perfeita (*spot market*) acaba sendo bastante arriscada para o grande produtor, que vê seus preços diminuírem à medida que aumenta a oferta. O agricultor familiar não esmorece porque não tem alternativas válidas de ocupação no setor urbano.

✓ *Inexistência de economias de escala na agricultura impede a exclusão definitiva da pequena produção.*

Os agricultores familiares têm vantagens justamente nessa área da gestão do trabalho; os motivos são os seguintes: a) os membros das famílias participam dos lucros e, por isso têm mais incentivos para trabalhar; b) não há custo de contratação e busca de trabalhadores; e, c) ao participar também dos riscos, os membros da família assumem os prejuízos sem necessidade de aumentar os preços dos produtos.

3- A Guisa de conclusão

A primeira constatação responde positivamente a pergunta do título. Existe sim no Brasil um setor que comparte as características do “*family farming*” americano.

A heterogeneidade da agricultura brasileira tem o seguinte perfil: a) um segmento altamente produtivo e eficiente, de tipo patronal empresarial, b) um segmento também eficiente e rentável, de tipo familiar empresarial, e c) um segmento de agricultores familiares pobres ou camponeses que produz para autoconsumo, mora no estabelecimento, gera emprego para os filhos, e que não migra porque seu custo de oportunidade para migrar é baixo, conforme mostrou-se anteriormente.

A inexistência de economias de escala constantes na agricultura, a baixa lucratividade de atividade em função da baixa rotatividade do capital fixo, o ambiente concorrencial do mercado agrícola e os riscos que atingem a atividade em função do clima, pragas e preços, fazem com que não haja interesse em monopolizá-lo por um setor único de produtores, o que abre espaço, portanto, para a coexistência pacífica entre setores heterogêneos do meio rural, cada um com sua própria lógica e seus próprios interesses e reivindicações.

4- Referências bibliográficas

Alves, E; Rocha, D.P (2010) “*Ganhar tempo é possível?*” In Gasques, Vieira Filho, Navarro (org): A agricultura Brasileira: desempenho, desafios, perspectivas. Brasília. DF. IPEA.

Buainain, A; Alves, E; Silveira, JM; Navarro, A (2013): “*Sete Teses sobre o mundo rural brasileiro*”. Política Agrícola, ano XXII, N 2, abr/maio/junho.

Guanziroli, Carlos Enrique; Buainain, Antonio Marcio; Di Sabbato, Alberto (2012) “*Dez anos de evolução da agricultura familiar no Brasil: (1996 e 2006)*” RESR, ano 2102. Volume 50, número 2.

Van der Ploeg Jan Douwe (2009) “*Sete teses sobre a agricultura camponesa*”, in Agricultura familiar camponesa na construção do futuro, ASPTA.